

AGUSTINA BESSA LUÍS E A NOVELÍSTICA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

ANA VITÓRIA CLÁUDIO*
MARIA GERTRUDES VERÍSSIMO *

Realizou-se na Escola Superior de Educação de Beja, no passado dia 21 de Março, um colóquio/debate, subordinado ao tema: Agustina Bessa Luís e a Novelística Portuguesa Contemporânea, proferido pelo professor Álvaro Manuel Machado da Universidade Nova de Lisboa.

Dada a importância de que se revestiu o referido colóquio, é nossa intenção, através desta síntese, salientar alguns aspectos mais pertinentes que nortearam a exposição feita pelo professor Álvaro Manuel Machado, a qual suscitou um vivo debate por parte da assistência.

Utilizando uma linguagem metafórica, que aliás lhe é bastante peculiar, o professor iniciou a sua exposição, referindo que a obra de Agustina B. Luís é "une sorte d'étourdissement", "une forêt vierge de l'imaginaire", criada a partir duma arte do romance simultaneamente nova e antiga, tão pessoal, tão assistemática que era extremamente difícil de a "saisir au vol".

Considerando a arte de Agustina Bessa Luís como fragmentária e aforística, à qual não falta o sentido da ironia, e, numa tentativa de a "saisir au vol", no seu conjunto, salientou o professor ter acumulado inúmeros e variados elementos de investigação científica, que, num domínio da Literatura Comparada, o da recepção de autores estrangeiros ao longo da fragmentação periodológica do nosso romantismo, lhe permitiram aproximar, enfim, a obra de Agustina B. Luís à obra de Margarite Yourcenar, salvaguardando, no entanto, que a

visão é parcial, no duplo sentido do termo. Mas não será afinal essa parcialidade na visão do todo que deverá ser assumida para que o todo tenha um significado específico?

1 - Agustina B. Luís e o romance português contemporâneo.

1.1 - Uma visão de conjunto preliminar da obra de Agustina B. Luís deverá, esquematicamente, situar a escritora na evolução da novelística portuguesa, e, em particular do romance pós-Raúl Brandão. Afirmou o professor não ser por acaso que começava por Raúl Brandão, com *Húmús* (1967) ele está no centro dessa evolução que vai da Presença e do neo-realismo inicial à influência dos modelos franceses do existencialismo. Ele é, aliás, como diz a própria Agustina num depoimento assaz significativo sobre o autor de "Húmús", em 1967: "tão português(...), nesse contar e recontar de factos aparentemente inócuos". Raúl Brandão traz consigo sobretudo a herança romântica Camiliana, mais a estética finissecular do pós-simbolismo, mais a leitura dum autor estrangeiro do séc.XIX que influenciou Agustina de maneira decisiva, desde o início: Dostolevski.

Relativamente ao primeiro tópico, o da herança romântica de Camilo, relacionado com um certo nacionalismo e refletido na apreciação que Agustina faz de Raúl

* Docentes da ESE de Beja

Brandão ("tão português, nesse contar e recontar...), poderíamos citar o próprio Raúl Brandão, que, nas Memórias escreve:

"O português puro, o português português não tem literatura até ao século XIX".⁽¹⁾ Quanto ao segundo e terceiro tópicos, o da estética finissecular do pós-simbolismo relacionada com o da influência conjunta de Dostoievski, autor que começa a ter recepção em Portugal, em 1889, no jornal o "Repórter", dirigido por Oliveira Martins. Lembrou o professor que Dostoievski foi um modelo literário, que depois de Raúl Brandão se tornou extremamente importante para as duas tendências opostas do romance português contemporâneo: a presencista e a neo-realista.

Quando Agustina publica em 1948, o seu primeiro livro "Mundo Fechado", essas duas tendências degladiavam-se, levantando o problema teoricamente complexo e fascinante de determinar nelas as heranças, por um lado do romantismo e do pós-simbolismo finissecular, por outro lado do realismo-naturalismo com que a geração de 70 no início pretendeu eliminar essa herança romântica, conjugada com a finissecular.

1.2 - Agustina e Vergílio Ferreira versus neo-realismo

Devemos aqui atentar sobretudo noutra romancista portuguesa contemporânea que, paralelamente a Agustina, se situa nesse período de viragem originada pelas duas tendências opostas: Vergílio Ferreira. Vindo do Neo-Realismo, ele é o único da sua geração a opôr-se corajosamente, quer como romancista quer como ensaísta, a esse miserabilismo vagamente poético, vagamente Dostoievskiano e ideologicamente dogmático dum Soeiro Pereira Gomes ou dum Alves Redol.

Recordemos o que Vergílio Ferreira escreveu a propósito desta oposição fulcral à tendência neo-realista:

À afirmação fácil de que a arte deve ser "desalienatória", nós respondemos com a pergunta breve sobre o que seja a

alienação. Este conceito hegeliano que Marx, como outros, adoptou; implica precisamente em negativo o valor que o "progressismo" deveria representar em positivo. Mas a ser assim, alienatória é toda a arte, ou toda a ideia, ou toda a atitude que entrave a plena realização do homem. A alienação envolve, pois, não apenas uma dimensão económica, que é visível, no seu campo de referências, até para um animal(...), como envolve uma dimensão especificamente humana, essa que se define pelo que de mais alto ao homem define: mesmo numa dimensão imediata, não é para redimir um estômago que uma fome tem voz, mas para redimir uma humilhação. (...) Se a arte inequivocamente fala a voz invencível e profunda da liberdade, só há um processo de a afirmar e dignificar que é esse mesmo de consentir que ela seja livre".⁽²⁾

Compare-se este conceito geral da criação estética em Vergílio Ferreira com um conceito que Agustina exprime sobre Vieira da Silva:

"A arte é, provavelmente, uma experiência inútil, como a "paixão inútil" em que cristaliza o homem. Mas inútil apenas como tragédia de que a humanidade beneficie, porque a arte(...) não envolve uma moral objectiva. Mas se todos os artistas da terra parassem durante umas horas, deixassem de produzir uma ideia, um quadro, uma nota de música, fazia-se um deserto extraordinário".⁽³⁾

Parece-nos que embora diversos pelos próprios contextos em que se inserem, os conceitos de arte em Vergílio Ferreira e Agustina se aproximam, na medida em que ambos separam a estética da ética, o belo do útil, herança eminentemente romântica e sobretudo proveniente do primeiro romantismo alemão. Como o mundo, a obra de arte é para eles uma totalidade que se basta a si mesma.

2 - Linguagem simbólica e complexidade narrativa.

Relativamente a este ponto o professor fez alusão ao início da obra de Agustina e

à formação duma linguagem essencialmente simbólica num certo romance português por volta dos anos 40-50, na sequência da relação Romantismo-pós-simbolismo-modernismo no Raúl Brandão do Húmús, romance radicalmente renovador.

Citou ainda um autor que, em 1944, publicou uma obra-prima do romance português contemporâneo: Vitorino Nemésio e o seu "Mau Tempo no Canal". Salientou a rara invenção metafórica no interior dum tempo circular, a elaboração duma memória arquetípica e também duma memória social, rigorosa e vasta presente neste romance de Nemésio, que considera genialmente o regional e o universal. Em suma, uma complexidade narrativa a que, desde os Maias de Eça de Queirós, não estávamos habituados. Acrescentou ainda, que toda essa complexidade se baseia num ecletismo de influências estrangeiras em que sobreleva a de Proust (aliás, modelo decisivo para a geração presencista a que Nemésio, ainda que marginalmente, pertenceu), mas a que também se liga a recuperação duma cultura romântica alemã nos anos 20-30 do nosso século, que se manifesta principalmente pela importância dada por Vitorino Nemésio a, por exemplo, um Rilke ou às ideias estéticas de Heidegger a propósito de Novalis ou de Holderlin.

Para o professor Álvaro M. Machado, o percurso criador de Agustina, da mesma maneira que tem pontos de contacto com o de Vergílio Ferreira, não diverge muito do de Nemésio, até pela fusão do regional com o universal através dessa mesma complexidade narrativa baseada numa linguagem essencialmente simbólica. E, por outro lado, pelas referências disseminadas na obra, a leitura de românticos alemães que o nosso romantismo ignorou. O professor citou, a título de exemplo, o romance: Fanny Owen (1979), que reflecte uma dupla herança romântica: em primeiro lugar, a nível do género híbrido, entre a ficção, a biografia e o ensaio literário; em segundo, pela importância dada a Camilo, quer como escritor quer como personagem, ambos vistos através de elementos do imaginário romântico alemão, com referências precisas a, por exemplo, Holderlin.

3 - Simbologia e hermetismo: Agustina e Marguerite Yourcenar

Tendo como suporte o ensaio "Humanisme et hermétisme chez Thomas Mann", o professor Álvaro M. Machado citou a seguinte passagem em que Marguerite Yourcenar escreve:

"les grandes constructions romanesques de Mann, (...) se sont construites à partir de notions fort éloignées de l'idée superficielle que nous nous faisons du contemporain et du moderne, et se rattachent au contraire à certaines des plus vieilles cogitations sur la substance même de la réalité."⁽⁴⁾

Este ensaio de Yourcenar data de 1956, portanto, dois anos depois de Agustina ter publicado a sua obra-prima, o romance: A Sibila. Tal como Yourcenar e na sequência sobretudo dum Proust e dum Thomas Mann, também Agustina se entrega aos "savants replis de la pensée" por baixo dum "réalisme bourgeois qui peut sembler déjà démodé". Também em ambas se desenvolve "un humanisme" à Thomas Mann, o qual, embora tantas vezes voltado para o nacional e o oculto, nem por isso deixa de se exprimir como leit-motiv, através duma linguagem simbólica que vai direito ao que é humano, precisamente porque é excessivo, secreto - numa palavra, vai direito ao hermetismo, na medida em que ambas exaltam o mito de Hermes em desfavor do de Prometeu.

Relativamente a este aspecto, o professor salientou que o que tem de evidentemente hermético, pelo próprio título, o primeiro romance, já citado, de Agustina: "Mundo Fechado", simbologia dum tempo, dum homem doente numa aldeia longínqua, tempo "pavoroso de tão vasto, horrível de tão sereno", um homem entregue à "sua" noite, que lhe faz sentir a "expressão hermética das coisas e das criaturas"⁽⁵⁾

O professor acrescentou ainda, que a evolução deste hermetismo essencial, baseado numa linguagem laboriosamente simbólica, em que a opulência metafórica predomina, encontramos-na na vastíssima obra de Agustina, inclusivé na sua fase "his-

tórica" mais recente, relacionando história antiga e história contemporânea, de Crónica do Cruzado Osb (1976), a Corte do Norte (1987), passando pelo "mundo fechado" de "o Mosteiro" (1980), que retoma o mito sebastianista, essencial no romantismo português, de Garrett a Oliveira Martins. No centro desta obra vastíssima está, sem dúvida, a Sibila. Aí, a personagem central, Quina, torna-se o arquétipo das personagens que, nos romances de Agustina, encarnam o mistério irredutível do ser e do tempo, do ser no tempo, preso a hábitos quotidianos, e, simultaneamente, o espírito de lugar, um pouco à maneira de Marguerite Yourcenar de L'Oeuvre au Noir, Mémoires d'Hadrien ou Le Coup de Grâce.

O professor terminou a sua exposição deixando em aberto a possibilidade de estabelecer paralelismos temáticos ao nível da história das ideias filosóficas e estéticas entre Agustina e Marguerite Yourcenar, que uma comum herança plenamente europeia, ao mesmo tempo clássica e romântica (estes padrões culturais de base não são, em ambas, incompatíveis) sem dúvida justifica. Terminemos como se deve, segundo Agustina, terminar um livro

"deixando sempre alguma coisa por dizer" ⁽⁶⁾, neste sentido em que, como diz M.Yourcenar, "tout nous échappe, et tous, et nous mêmes". ⁽⁷⁾

NOTAS:

- (1) BRANDÃO, Raúl, *Vale de Josafat-Memórias*, vol.III, Perspectivas e Realidades, Lisboa, s.d. (pág.199)
- (2) FERREIRA, Vergílio, *Espaço do Invisível I -Arcádia*, Lisboa. 1965 (pág.96 e 125)
- (3) LUÍS, Agustina Bessa, *Longos Dias Têm Cem Anos - Presença de Vieira da Silva*, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1982 (pág. 71)
- (4) YOURCENAR, Marguerite, *Sous Bénédiction d'Inventaire*, Galimard, Paris,1978 (pág.231-32)
- (5) LUÍS, Agustina Bessa, *Mundo Fechado*, Col. Mensagem, Coimbra,1948 (pág. 6 e 118-19)
- (6) LUÍS, Agustina Bessa, *O Manto - Bertrand*,Lisboa,1961(pág.294)
- (7) YOURCENAR, Marguerite, *Carnets de Notes de "Mémoires d'Hadrien"*, Galimard, Paris,1974 (pág.331)

Colabora com

LER
educação